



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Neubern, Maurício S.

Três Obstáculos Epistemológicos Para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 241-252

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814120>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Três Obstáculos Epistemológicos Para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica

Mauricio S. Neubern¹

Universidade de Brasília

Resumo

No presente artigo, obstáculos epistemológicos são concebidos como formas de construção do psicologia clínica que não integram a complexidade e as diversas condições dos processos subjetivos contextualização do percurso do tema da subjetividade na ciência e na psicologia: de um espaço marginalização e oposição à objetividade, a uma posição privilegiada em que é discutida como momento integrante da mesma. Contudo, neste momento a psicologia clínica se depara com grandes dificuldades, pois as influências dominante são pouco condizentes com a abordagem da subjetividade. Os obstáculos epistemológicos geral e totalitário, as tendências patologizantes e as conclusões apressadas – são momentos de tais influências que a subjetividade como objeto de estudo e, em consequência, opõem-se às exigências necessárias para a sua compreensão. Sendo assim, buscam-se destacar suas principais características e possibilidades de superação de modo que novos caminhos para a implantação de uma forma de pensar e investigar coerentes com as condições de existência.

Palavras-chave: Obstáculos epistemológicos; epistemologia; subjetividade; psicologia clínica.

Three Epistemological Obstacles to the Recognizing of Subjectivity in Clinical

Abstract

In this article, epistemological obstacles are understood as a kind of thought construction that does not and the different conditions of the subjective process. The text begins with an introduction about the in both science and psychology. First, the subjectivity occupied a marginal place and it was seen as though afterwards it became a central question, when it was recognized as an important moment to the construction. However, nowadays, clinical psychology faces huge difficulties, caused by the influences received from that are not coherent with the approach from the subjectivity. The epistemological obstacles – knowledge, trends toward pathologization and hurried conclusions – are examples of the influences that its potential as object of study, and, consequently, are opposed to the demands of this approach. This main features of those obstacles and the possibilities of correction so as to suggest more coherent ways of developing research on subjectivity.

Keywords: Epistemological obstacles; epistemology; subjectivity; clinical psychology.

O Problema da Subjetividade na Psicologia Clínica

O presente texto consiste em uma reflexão crítica sobre a contextualização da subjetividade na psicologia

tempo, expressa-se como con-
subjetividade social – que se d-
seu cenário de constituição.

das escolas e ramos dominantes da psicologia ainda se mantêm presos a cosmovisões onde ela é marginalizada e concebida como um risco ao procedimento objetivo.

Embora tal influência tenha ocorrido em todos os ramos da psicologia, deve-se ressaltar que a escolha da clínica para a discussão do tema não ocorre apenas devido à formação do autor. A natureza do trabalho clínico levou a uma contradição interessante pois permitiu, por um lado, a criação de conceitos e abordagens como alternativas interessantes para a subjetividade, mas ao mesmo tempo situou-se como empresa indigna da confiabilidade científica. Entende-se que, provavelmente, tal aspecto tenha contribuído para intensificar a exclusão da subjetividade na clínica, como para implantar concepções pouco condizentes com o espírito científico, como os obstáculos epistemológicos (Bachelard, 1985, 1996). Sendo assim, pretende-se destacar no texto que, dentre as inúmeras necessidades de reformulações epistemológicas para o reconhecimento da subjetividade, deve-se discutir, sob certos parâmetros, as características e possibilidades de superação desses obstáculos epistemológicos. Sua retificação pode apontar caminhos não apenas para um estudo científico da subjetividade, mas também posteriormente para uma forma de pensar científica na psicologia condizente com o estudo da mesma. Nesse sentido, a reflexão presente na clínica pode contribuir significativamente para a psicologia enquanto ciência.

O Percurso da Subjetividade na Psicologia: de Marginal a Desafio

A Subjetividade Como Processo Marginal na Ciéncia

Uma das primeiras questões presentes na reflexão epistemológica da atualidade é a relação entre a condição absolutista que a ciência ocupou no cenário das sociedades ocidentais e a cegueira sistemática que ela mesma desenvolveu sobre as possibilidades de análise de suas condições de surgimento. Por um lado, a empresa

processos históricos e sócio-culturais na construção da ciência. Uma vez que era preciso que o segredo de *como as coisas realmente são*, para o científico não fazia sentido algum indagar questões implicadas, como as históricas (que seriam), culturais (que bases existem de creer para que fossem), sociais (como as pessoas decidiram para que fosse), dentre outras. Era preciso que tais dimensões fossem exteriores à construção científica, pois a argumentação e a metodologia era uma condição necessária ao sucesso.

Nesse sentido, a subjetividade humana é um duplo processo de exclusão, ora da construção do saber, ora como objeto. É compreensível dentro do ponto de vista que o entrelaçamento de sentidos necessariamente históricos e contextuais diversos momentos irregulares promoveram a subjetividade como um contra as pretensões de um saber cosmovisão onde a realidade é ordenada histórica e a metodologia deveria buscar que tais características do real fossem respeitadas e sem interferências (Gonzalez Rey, 1992). Isso se refere às condições presentes na consciência, a subjetividade torna-se proscrita, passa a ser reconhecida sua participação, mesmo seio das mais importantes descobertas científicas, enquanto objeto de estudo, tornou-se igualmente proscrita, pois as múltiplas disjunções e reuniões que submeteram para enquadrá-la na visão descharacterizaram-na por complexidade essencialmente subjetivos como as entre as suas condições: em alguns momentos o universalismo que se sobrepõe ao singularismo são absorvidos nas relações neuro-sociais.

possibilitou-se efetivar uma separação que foi determinante para o conhecimento no ocidente, sendo que, de um lado da divisão, encontrava-se a ciência com sua linguagem técnica e prosaica, com seu arsenal estatístico e lógico e os princípios isomórficos de conhecimento do real. Sob a égide da física, o estudo dos fenômenos naturais deveria ocorrer livre de quaisquer influências infundadas: só seria possível o estudo confiável de fenômenos como as reações químicas, os astros, e o corpo humano se ciências como a química, a astronomia e a medicina se divorciasssem em definitivo de suas parceiras alquimia, astrologia e, no caso da medicina, de noções como fluídos e éters. Do outro lado da divisão, encontravam-se disciplinas como a filosofia, o direito, a teologia, as artes e um dos inimigos maiores do pensamento científico – o senso comum. De modo semelhante, neste outro lado tornava-se possível o conhecimento sobre o destino do homem, suas relações com o mundo, Deus, os deveres, a sociedade, dentre outros, numa linguagem com múltiplos meios de expressão, como a poesia, mas indigna de confiabilidade.

A psicologia, como boa parte das ciências sociais, nasce em meio a um considerável conflito, como se buscasse transpor as distâncias do abismo criado pelo paradigma dominante. Um de seus principais objetivos era o de se firmar enquanto conhecimento científico, o que perpassou de diferentes modos o surgimento da maior parte de suas escolas e áreas. Mesmo em escolas como a psicanálise, que promoveu importantes rupturas com a cosmovisão dominante (como no caso do resgate da constituição histórica) ou das escolas humanistas, que criticaram severamente as pretensões de controle, a influência do paradigma esteve presente no compromisso, explícito ou não, de um conhecimento confiável, distinto dos demais presentes no outro lado da divisão. Por outro lado, ao se propor ao estudo do humano (seja suas funções mentais, seu comportamento, seu psiquismo) ela buscará abordar problemáticas presentes do outro lado do abismo que

viu impelida ao silêncio em cima do saber – a subjetividade própria. É provável que a psicologia tenha sofrido maior impacto do que o paradigma dominante, pois o psiquismo do próprio criador é científico. Ao mesmo tempo, o homem, alçado a senhor da natureza, com seus movimentos, ele já é integralmente como objeto de estudo. Os subjetivos eram essencialmente para condições confiáveis de pesquisa, a cegueira dos sistemas de conhecimento origens e condições apresentava-se com a interdição do auto-descoberto, o cientista, no sentido de um recuo da condição como momento fundamental da ciência.

Novas Possibilidades Para o Recone Ciéncia e Psicologia

Kuhn (1996) parecem trazer contribuições semelhantes, principalmente no tocante ao *comum* das comunidades em suas relações com o paradigma (a estrutura da comunidade, a constelação dos compromissos dos grupos e os exemplos compartilhados).

A pós-modernidade, a seu turno, traz reflexões de grande interesse para tais questões, em que a dimensão da linguagem ocupa um lugar central para a compreensão do subjetivo³ na construção do saber científico. Segundo Lyotard (1979), deve-se buscar compreender a ciência numa perspectiva de *jogos de linguagem* onde as regras sejam conhecidas e partilhadas pelos participantes. A discussão sobre a prova da prova, isto é, a discussão sobre os postulados axiomáticos não consistiria em um demérito para a ciência, uma vez que ela consiste em uma narrativa cujos resultados dizem respeito especificamente à seus jogos de linguagem e não a uma verdade transcendente. Contudo, a própria interação entre as múltiplas narrativas do cenário social traz uma implicação marcante para a ciência quanto à suas relações com o mundo social. A técnica, que permite maior eficiência da prova, não é regida por um critério de verdade, mas de performance, em que um maior *out put* (informações ou modificações obtidas) é exigido em função de um *in put* (dispêndio de energia) cada vez menor. Desse modo, num cenário capitalista, cria-se um elo recursivo entre técnica e riqueza, o que contribuirá para o crescimento progressivo de ambas. Ao mesmo tempo, a performance passa a ocupar um papel fundamental para a verdade (própria da narrativa científica, num jogo de linguagem denotativo) e para a justiça (em seu jogo prescritivo). Sendo assim, o pensamento pós-moderno traz uma visão com multiplicidade de saberes narrativos com pertinências específicas, ao invés da busca obsessiva da verdade única por métodos confiáveis. Ao mesmo tempo, aponta para relações importantes entre os jogos de linguagem presentes nesses narrativas.

Pode-se afirmar que na psicologia a influência pós-
traumatica é fundamental para o seu desenvolvimento. P

construído na linguagem que permeia aacompanhará a obra de diversos terapeus (1996; Anderson & Goolishian, 1988; Kaye, 1998; White & Epston, 1993). As importantes contribuições neste campo, entretanto, são devidas a severas críticas ao paradigma dominante, presente na psicologia clínica. Contudo, as contribuições de grande relevância para a subjetividade, tais propostas partem de uma influência simplificadora, em que não é considerada a dimensão ontológica, mas apenas para os significados no seio das comunidades humanas. O significado humano fica reduzido às construções linguísticas e interativas. Desprezam-se, portanto, as importantes contribuições da construção do saber, como a teoria da realidade (real⁵), e as facetas múltiplas da subjetividade. As teorias que abarcam as tramas da linguagem e do sentimento esgotam nelas. Baseados em críticas de autores como Mahoney (1991) e Gonzalez (1993), que qualificaram a influência pós-moderna na psicoterapia, é preciso condizente com esses dois pontos.

Obstáculos Epistemológicos Como Erros e Possibilidades Científico

Como se pode notar, o problema sai gradativamente de uma posição m posição central, onde suas questões são e suas relações com o conhecimento são essas razões, comprehende-se que a psicologia alçada a uma nova posição uma vez que as de investigação passam a se delinear para abrangendo um elo complexo e recíproco, condições que envolvem o conhecimento e processo (individuais, sociais, míticas, conhecimento gerado (com seus objetivos principalmente). No entanto, é necessário acompanhe todo um processo de reflexão em si mesma, de maneira que, transformando

das novas necessidades e contradições que a investigação aberta do real impõe, os erros epistemológicos do passado podem ser retificados num processo que dê abertura para o novo, a criação e a inventividade, tão caros ao *espírito científico* (Bachelard, 1985).

É nesse ponto que a psicologia clínica pode contribuir, inclusive a partir de uma reflexão atenta sobre os obstáculos epistemológicos. As grandes dificuldades presentes no cotidiano da clínica, decorrentes geralmente da natureza complexa da subjetividade e em grande parte subversivas ao pensamento dominante podem vir a ser sua grande virtude para a implantação de uma forma de pensar condizente com o *espírito científico*. A multiplicidade de dimensões complexamente articuladas ao longo de um processo histórico impõem a necessidade de um saber que possa dialogar com o real e suas resistências e pode se constituir em um aliado importante contra as patologias que enrijecem e cegam o conhecimento (Koch, 1981; Morin, 1990).

Os obstáculos epistemológicos referem-se, portanto, aos erros de pensamento que se contrapõem ao *espírito científico* e devem ser retificados para que o mesmo se implante. Porém, deve-se apontar que tais obstáculos geralmente se encontram presentes de três formas, comumente entrelaçadas, na práxis da psicologia clínica. Primeiramente, encontram-se nas limitações de abordagem dos pressupostos epistemológicos, comumente de origem empirista (Bercherie, 1986), diante das questões trazidas pela subjetividade. Embora Bachelard (1996) não tenha teorizado sobre este ponto, pode-se compreendê-lo como uma idéia condizente com sua noção de obstáculo, uma vez que boa parte das escolas de psicologia parecem cometer um erro fundamental ao construir seus objetos de estudo com base em cosmovisões originárias de outros campos de conhecimento (Anderson & Goolishian, 1996)⁶.

Em segundo lugar, encontra-se o próprio pensamento do pesquisador ou terapeuta que, imbuído de conceitos e procedimentos tradicionais, pode chegar a incorrer

destinada a um diálogo com o real, a um sistema doutrinário, de natureza científica e científicidade. Nesse sentido, a abordagem mais abrangente é aquela que considera a dinâmica das comunidades científicas e suas interrelações intersubjetivas, sociológicas, políticas, entre outras, que não cabe no escopo deste artigo. No entanto, pode fornecer inúmeros exemplos de como a resistência dos mestres é assassinado por interesses e pressões ideológicas e fiéis onde o pensamento crítico é proibido ou dificilmente encontra espaço. A teoria assertiva de Bachelard (1996) afirma que “a ciência só se pode amar o que se amar o passado negando-o, por negar e contradizendo-o” (p. 309). A doutrinização dos pensamentos e das teorias em um momento posterior ao seu aprofundado com as próprias pressões econômicas do cenário social e cultural e o próprio mercado *psi* em sua forma mais pura.

Desse modo, o presente trabalho busca apontar as duas primeiras formas acima mencionadas, consideráveis informações que contribuem para a compreensão dos obstáculos epistemológicos que permeiam a práxis do pesquisador. Isso não impede que existam outras formas de pensar e de agir, feitas referências ao terceiro mundo, como os obstáculos ao *espírito científico*, que envolvem erros fundamentais da subjetividade. No entanto, é nessa construção do conhecimento que se encontra especificamente, destacam-se as formas de pensar e agir que se constituem na forma como o sujeito constrói seu conhecimento, mesmo tempo em que apoiam a sua retificação, caminhos esses que envolvem procedimentos metodológicos, teóricos e operacionais condizentes com o universo da subjetividade (Gonzalez Rey, 1997, 1999; 2000). Assim, uma vez corrigidos, tais obstáculos podem ser superados para passos iniciais na construção de um novo universo de conhecimento.

obstáculos serão analisados a partir de um breve relato de caso clínico, em que é possível denunciar sua presença.

O Caso Ademar Silveira

Ademar Silveira, 60 anos, alto funcionário de uma empresa, procurou os serviços de uma clínica onde havia encerrado há alguns anos uma psicoterapia. Alegou que os profissionais já o conheciam e que não gostaria de repetir novamente sua história. A princípio, ele apresenta uma queixa difusa, um mal estar muito ligado ao ambiente de trabalho, *cheio de armadilhas e falcatrulas*, segundo ele. Porém, ao longo do trabalho, ele começa a perceber que muitas de suas decisões pareciam apontar para um caminho que ele mesmo pontuou da seguinte forma: *"tenho que dizer um sim a mim mesmo. Devo optar por qualidade de vida!"* Ademar foi aos poucos percebendo o tipo de conflito em que sua vida parecia se encontrar. Por um lado, um ambiente com muitas exigências e inimigos, que poderia lhe facultar maior ascensão profissional, mas que também era muito desgastante. Seus momentos de irritação eram taxados como loucura, fato de que seus rivais tiravam proveito. Por outro lado, Ademar pouco a pouco se apercebia de que já havia começado a buscar novas qualidades de vida e relação. Havia se tornado ao longo de sua vida, na família ou no trabalho, um homem rígido, decidido e comumente agressivo, apto a enfrentar as dificuldades. No entanto, determinadas decisões que havia tomado, dificultavam sua carreira profissional, mas ao mesmo tempo o poujavam de situações de conflito. Ele se aproxima mais do filho deficiente (por quem manifestou vergonha por muito tempo) atrasando-se em seus compromissos para levá-lo na escola. Passa a acompanhar mais de perto os projetos dos outros filhos, adotando uma postura distinta da punição habitual quanto aos mesmos.

Contudo, em certa ocasião, sua esposa Joana procura os profissionais da clínica manifestando grande preocupação. Ela relata que no domingo, o filho mais velho foi buscá-la em outro cômodo da casa afirmando

sentidos singulares. Dito de outro modo, diferentes formas, absorvido, excluído ou pelo geral. Consiste em uma herança mítica que generalizações eram tidas como científicas. Como a complexidade da aparência do real, cabia ao cientista ir a campo desvendar leis simples e universais (Santos, 1998). A psicologia qualificou tal influência de noções muito propícias à construção de teorias, como o individualismo e a natureza humana. As noções de personalidade favoreciam considerável desvinculação entre o social, cultural e histórica presentes na psicoterapia. Nesse sentido, noções como os critérios nosográficos do DSM IV (1995) ou a teoria da personalidade (Bergeret, 1988) são baseadas em teorias que, por sua vez, são baseadas em noções de personalidade, pois apontam para modelos transcendentes.

Um dos grandes problemas que se desvolveu ao longo da história da psicoterapia é que o esforço original de autores como Freud (1969) que buscavam uma relação em que o paciente fosse absorvido no geral (como quando o sentido dos sintomas) foi freqüentemente substituído por outras perspectivas universais e absolutas, que ignoravam todos os motivos humanos conduzianos ao conflito. Um exemplo é que o desejo sexual ou outra, à sexualidade e que o núcleo do conflito, que necessariamente estava ligado ao conflito, era considerado como a causa de todos os sintomas. As teorias que constituíram alternativas de compreensão do conflito eram teorias que abordavam temáticas relacionadas com a história de vida do paciente, que era construída ao longo de múltiplos processos de socialização. Desse modo, a própria teoria tornou-se um pensamento de investigadores e terapeutas que se constituíram em uma fonte de referência para a prática clínica. O diálogo com o diverso presente na vida do paciente constituiu-se em um sistema de imposições e visões de mundo.

Os comentários e discussões entre os profissionais sobre o caso de Ademar Silveira ilustrativos quanto a isso⁸. A princípio, ele era um homem rígido, com uma personalidade neurótico obsessivo cujas defesas começavam a ser desmanteladas ao longo do tratamento. Ele era um homem que vivia em um mundo de possibilidades limitadas, que era

Malgrado a utilidade de tais conceitos como forma de compreensão do problema, eles não deixam de se constituir como obstáculo epistemológico, principalmente pela postura intelectual em que se configuram. Primeiramente, o conflito vivenciado por Ademar, que aponta claramente para significações, sentidos e necessidades entre contextos e processos incompatíveis, é transposto para um modelo universal, onde impera a batalha entre as forças pulsionais e a interdição cultural. Logo, os contrastes envolvendo construções sobre as disputas com os colegas, as exigências da esposa e dos amigos e suas necessidades de *qualidade de vida* praticamente são diluídos ou subjugados por um esquema da natureza humana absoluta onde devem existir mecanismos que garantam defesas contra as ameaças inconscientes de ordem sexual. O mecanismo hidráulico de energias represadas e acumuladas sobrepõe-se à toda diversidade de possibilidades de conflito.

Nessas apreciações não se considera um problema essencial para a compreensão da subjetividade, que é a questão dos sentidos. Em momento algum, Ademar dá espaço para a interpretação apressada de que seus problemas estejam ligados a conteúdos libidinais e que estes mantenham uma oposição às interdições da cultura. Se a subjetividade implica em um jogo dialético entre o sujeito e o mundo social, logicamente suas necessidades derivarão de uma complexa construção originada dessa relação e não de uma oposição à priori entre duas dimensões. Os sentidos, portanto, devem ser interpretados em função do diálogo com o cenário subjetivo (individual e social) em que Ademar se constitui (Gonzalez Rey, 1997, 1999; Gergen, 1996). As necessidades, por sua vez, não obedecem a uma tentativa de superação da oposição contumaz ao recalque, mas a um processo de construção de novas qualidades relacionais e de significação, cujos obstáculos não necessariamente obedecem à descrição do recalque psicanalítico. No caso de Ademar, deve-se compreender que as múltiplas faces de sua subjetividade

Outro ponto que chama a atenção, entre os profissionais, é a forma dicotómica como as questões são situadas quanto ao racional e ao emocional. As expressões fossem destituídas de um tipo de compreensão decorrente da lógica clássica, consequente, a noção de que existem pessoas que estão em contato com mais facilidade com um tipo de questões do que com outras. Essa noção apresenta-se, muitas vezes, de forma que não pode passar despercebida. As questões que constituídas no seio de um problema, muitas vezes, são sentido conceber pessoas que se sentem mais confortáveis com a interação com elas. Efetivamente, é comum que, para alguns momentos da subjetividade, existam pessoas que haja maiores dificuldades de compreensão e de diálogo sobre os processos emocionais, com maior freqüência, como no caso de Ademar, que é um caso indefinido (Neubern, 1999). O que é comum é que, ao longo do processo, existam apelos da simplificação para que o sujeito se sinta confortável com o processo alheio ao sujeito, que é o que mantivesse departamentos rígidos entre o sujeito e o mundo social.

Por outro lado, ainda há uma questão que merece maior atenção. A organização social, que obedece a uma lógica configuracional (Neubern, 1997, 1999) o que não compõe a lógica da subjetividade. Nessa lógica, as coisas não são integradas em sistemas que integram simultaneamente significação e emoção que permitem a existência de arranjos na trajetória do sujeito, que são motivos, estados e sentidos. A lógica configuracional, o que permite a existência de diversidade de momentos e de situações. Ademar, ao invés de se considerar um sujeito com dificuldades para entrar em contato com o mundo social, pode-se pensar a questão em termos de faces presentes na constelação da subjetividade. A princípio, pode-se dizer que, ao longo de sua história, Ademar desenvolveu uma personalidade tímida e racional. Ademar deve ter vivido situações de

momentos e circunstâncias de seu cotidiano, onde tais processos necessariamente estão presentes.

Finalmente, categorias como sentidos, configurações e emoções podem se constituir como universais, desde que não assumam um *status* transcendental e absoluto com os mecanismos já descritos de exclusão da subjetividade. É nessa direção que Bachelard (1996) aponta para a necessidade de um pensar inquieto diante do consagrado e do homogêneo:

“É assim que, em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar.” (p.21).

A psicologia clínica encontra, portanto, diante do obstáculo do geral totalitário um desafio considerável. A tendência à homogeneizar pessoas, formas de terapia, visões sobre problemas e mudança acarreta em consequências graves, intrinsecamente ligadas à exclusão da subjetividade. Vão desde a prescrição desenfreada de psicoterapias, sem a mínima reflexão crítica sobre suas indicações e limitações, a uma enorme parcela de sujeitos, em geral de classes desfavorecidas, para quem os procedimentos da psicologia clínica não fazem sentido algum. Contudo, é necessário que o problema seja refletido em outras dimensões⁹ que vão além do obstáculo epistemológico, mas que desenvolvem com ele intensa retroalimentação.

A Tendência Patologizante e Incapacitadora (Os Becos Sem Saída)

Tal obstáculo implica basicamente na determinação de uma visão de mundo em que as expressões do sujeito são compreendidas via-de-regra pelo prisma da patologia ou da incapacidade. De certa forma, costuma acompanhar vários momentos do sujeito conferindo-lhes

Aliada comumente ao conhecimento, a tendência patologizante com muita veemência envolvida pelo determinismo. Uma vez que de personalidade se defina (Bergere, 1998), diversidade numerosa de sujeitos o fazem, classificação neurótica ou psicótica ou ainda de uma dessas estruturas de base. A própria é talvez como herança da metáfora do cristal, compreendida como um momento fundamental, vez que frágil de uma base estrutural doente. (1998) apontam que essa herança modele a base os pressupostos de que há uma base da patologia, localizada dentro do sujeito, suas relações que podem ser diagnosticadas e tratadas. Especificamente, serem eliminados ou tratados os mesmos autores apresentam críticas às limitações dessas premissas, sobretudo à desconsideração que dispensam às narrativas e às limitações que impõem sobre novas possibilidades de construção.

O homem doente torna-se, então, a referência de avaliação das expressões múltiplas de sua condição. Nesse sentido, encontra-se o problema, talvez por Gergen e Kaye (1998), da imposição de um modelo em que toda uma cosmovisão responde ao que o homem doente vai se impondo sobre um contexto social e processos construídos ao longo de sua vida. A imposição, ao mesmo tempo em que estrutura os processos de significação próprios do sujeito, contribuem para sua construção e que podem denunciar a sabedoria que tal experiência patológica pode comportar (Anderson, 1988; Ausloos, 1995). O choro de Adão, de uma tentativa corajosa e sofrida de recriar a si mesmo, principalmente pela tentativa de recriar suas qualidades relacionais importantes, mas incoerentes com seus contextos sociais.

dimensão fundamental na consideração da subjetividade: a construção do problema que está vinculada aos múltiplos sistemas subjetivos que se organizam em torno dele¹¹ (Neubern, 1999). Desse modo, ao se classificar o quadro de Ademar como *depressivo*, acentua-se comumente seu aspecto estrutural e o determinismo neurológico nele presente, mas descontextualiza-se seu sofrimento com respeito aos processos sociais e institucionais que necessariamente promovem a construção da *depressão* do sujeito. Perde-se mesmo a noção de poderosos mecanismos que ordenam tal construção, como aqueles presentes na própria determinação de visões de mundo (as expressões de choro, os rompantes de humor, as alterações do sono são indícios de depressão) ou ainda nas ameaças de retaliação social a que a fraqueza de Ademar está sujeita (como as ameaças dos colegas e de divórcio). Tais processos envolvem facetas diversificadas e amplas (Foucault, 1997; Goffman, 1999; White & Epston, 1993) e merecem estudos mais aprofundados, principalmente quanto à participação ativa do sujeito nessas construções.

Portanto, o estudo da subjetividade requer uma requalificação radical da tendência patologizante. Deve-se, por um lado, reconhecer as influências individuais e suas determinações sem, contudo, ceder à suas tentações absolutistas sob a forma do individualismo e do determinismo. Deve-se, por outro lado, reconhecer que a subjetividade não é essencial e estruturalmente doentia e que, qualquer abordagem sobre ela, deve necessariamente privilegiar seus cenários de sentido, de modo que seja possível uma visão aprofundada do sofrimento em seus múltiplos circuitos de construção. A complexidade envolvendo o problema subjetivo consiste em um desafio, pois a compreensão de suas múltiplas articulações pode permitir importantes redefinições e ativações de potencial (Ausloos, 1995). É nesse sentido que Morin (1983) fornece instrumentos para pensar a questão:

As Conclusões Apressadas

As conclusões apressadas cíptico da racionalização presente (Morin, 1998), como também de um fenômeno qualquer, cujas expressões são classificadas mecânico em categorias e contradições e problemáticas podem ser ameaçadoras e desfeitas de forma mágica. Esse tipo de racionalidade é profundamente ligado a múltiplos fatores, que vão do científico de poder e controle, oriundas do consumismo de ideias, de receitas práticas pode pou-

Apresentando-se muito indiscutidos, as conclusões a manifestar na clínica por meio das categorias e concepções *a priori* em um poderoso recuo, descontextualiza quase que por completo de questões subjetivas que se classificam. Promovem uma cegueira sobre os aspectos que se mostram distintos e estranhos diante das noções de sentido do espírito científico (Braga, 1985): “Os conceitos e métodos devem mudar ante uma experiência sobre um método científico se a circunstância, não descreverá mais o espírito científico.” (p.121)

Boa parte dos motivos que ligam-se a um problema da psique que legou aos métodos clínicos só seriam condizentes com a subjetividade fosse exclusiva (Rev. 1996). Além disso, considere-

prático, ainda muito presentes na atualidade. No primeiro desses eixos, há a possibilidade da aplicação de recursos como o psicodiagnóstico que, calcado em procedimentos estandardizados como os testes psicométricos e projetivos, é muitas vezes utilizado de modo estanque quanto ao processo terapêutico e comumente mais valorizados do que este. No outro eixo, encontra-se a psicoterapia, onde o saber consagrado dita regras de classificação e procedimento que, quando não afastam o terapeuta do contato aberto com as contradições e dificuldades da realidade dos pacientes, podam suas possibilidades criativas diante de tais problemas, principalmente se as mesmas se apresentam como subversivas ao pensamento dominante.

No entanto, há ainda uma dimensão marginal presente nas construções e intervenções de muitos clínicos que, embora não seja compreendida como possibilidade de pesquisa, contribui significativamente para os processos de mudança de seus pacientes. Tal dimensão comumente não é sistematizada em suas construções e muitas vezes não aparece como confronto explícito aos marcos teóricos de referência em que se baseiam. Contudo, parecem fazer considerável referência ao que Mahoney (1991) considera como *a novidade na psicoterapia*, um dos momentos fundamentais para a mudança, que não diz respeito a uma teoria transcendental e estabelecida, mas a um conjunto de habilidades que permitem ao terapeuta construir, em diferentes níveis, sobre dimensões essenciais desse processo, como o vínculo, a comunicação, o acontecimento, a criação e as vivências subjetivas, onde as emoções desempenham papel central.

Esse conjunto de obstáculos, intrínsecos ao conhecimento institucionalizado, propicia a adoção das conclusões apressadas basicamente de dois modos. Além de fornecer um conjunto de noções estandardizadas e respaldadas, não legitima, como momento da pesquisa, as construções que o terapeuta necessita realizar em seus momentos empíricos. O espírito científico é condenado

profissional. Tal perspectiva, ao situar geração de pensamento, rompe a dicotomia clínica e a pesquisa. Entretanto, deve-se reconhecer que o reconhecimento da subjetividade do terapeuta implica em um subjetivismo absoluto, sem qualquer rigor metodológico, mas a possibilidade de processos de mudanças epistemológicas no conhecimento (objetivado em muitos deles) e de onde seja possível assumir a participação do terapeuta.

Conclusão: Reconhecer a Subjetividade Implica em Utopias

O reconhecimento da subjetividade do terapeuta, como para a ciência, possui implicações. Os obstáculos epistemológicos são aparentes. A discussão remete a um universo maior que não caberia discutir aqui (Gonzalez e Morin, 1998; Neubern, 1999). Por outro lado, a conclusão, destaca-se que reconhecer a subjetividade humana como ponto central na construção do conhecimento implica em uma discussão sobre sua participação como objeto de estudo, momento fundamental do espírito científico.

Como objeto de estudo, a subjetividade é um conjunto de noções fundamentais para a pesquisa. O saber aberto e mentalidade de investigação, que apelo persuasivo ao espírito científico, suas características remetem-na como o complexo que procura articular dimensões opostas no pensamento psicológico (Gonzalez e Morin, 1996). No entanto, embora tal subjetividade assumida em termos ontológicos, seja uma realidade absoluta, pois isso implicaria em novas perspectivas universalistas, pretensamente capazes de explicar as vivências únicas de homem e formas também únicas de pensar. É interessante observar que muito mais que a subjetividade é absoluta e substancializada de um observador isolado, o que se busca é basicamente

para tanto há condições macrosociais que a favorecem. No entanto, longe de consistir em um *ponto morto* como assevera Gergen (1996), o sujeito consiste em um momento imprescindível nessa compreensão, capaz de promover rupturas nas grandes estruturas do paradigma (Morin, 1998).

No caso da psicologia clínica, a sua pluralidade, atestado de ilegitimidade científica na visão dominante, pode vir a consistir em ponto favorável ao espírito científico. A diversidade de visões pode favorecer muitos guetos onde as determinações do paradigma não alcançam ou são mais frágeis, o que possibilita a construção de alternativas. Em termos da construção da subjetividade como objeto complexo, a pluralidade de vozes pode contribuir significativamente para sua compreensão como *Unitas Multiplex* (Morin, 1996, 1998; Neubern, 1999). Nesse ponto, uma das principais funções do espírito científico é a possibilidade de qualificar as diversas contribuições, num processo que permita uma forma radicalmente distinta e complexa de pensar. Porém, embora o sujeito não necessite de sistemas de conhecimento abertos à integração para possibilitar o espírito científico, para um pensamento articulador devem ser cogitadas mudanças simultâneas em níveis mais amplos onde o diálogo possa se construir entre escolas distintas. Esse é um grande desafio, pois os sistemas de idéias em geral são autocêntricos e intolerantes com pensamentos distintos. Portanto, uma primeira utopia que envolve o espírito científico, é uma democracia de idéias, onde o diálogo seja possível para construir sobre a subjetividade, malgrado todas as antipatias, turbulências e conflitos que a democracia também comporta (Neubern, 1999).

Por fim, a empresa desse texto traz à tona a necessidade de um compromisso efetivo com uma nova noção de psicologia e de clínica. A ciência não consiste em um *conhecimento*, estático, substancializado e universal, mas na possibilidade de um *conhecer* em que as respostas ainda não foram dadas e, quando o forem, permitirão a criação de novas perguntas. Compreender é dizer que o que já

concorrem intensamente para que seja bastante incomum no cenário científico que o cientista possa sonhar com a realização de sua utopia enquanto base do espírito científico. A segunda utopia: uma postura de respeito ao próprio conhecimento, que também se constituir em condição

Referências

- American Psychiatric Association (1993). *transtornos mentais – DSM IV* (D. P. Médicas. (Original publicado em 1992).

Andersen, T. (1996). *Processos reflexivos* (Noos/Itf. (Original publicado em 1992).

Anderson, H. & Goolishian, H. (1988). *systems: Preliminary and evolving clinical theory*. *Family Process*, 27, 37-53.

Anderson, H. & Goolishian, H. (1996). *pós modernos na psicoterapia. En: paradigmas, cultura e subjetividade* (J. H. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1992).

Ausloos, G. (1995). *La compétence des familles* (Bachelard, G. (1985). *O novo espírito científico*. Templo Brasileiro. (Original publicado em 1985).

Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito*. Janeiro: Contraponto. (Original publicado em 1930).

Bercherie, P. (1986). *Los fundamentos de la terapia cognitiva*. (Original publicado em 1986).

Bergeret, J. (1988). *Personalidade normal*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1988).

Freud, S. (1969). *Conferências introduutorias* (Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edições Sigmund Freud*. (Vol. 22). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1937).

Foucault, M. (1997). *Resumo dos cursos do autor*. Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

Gergen, K. (1996). *Realidades e relações*. (Original publicado em 1996).

Gergen, K. & Kaye, J. (1998). *Além da terapêutica* (C. Dornelles, Trad.). (Org.), *A terapia como construção social*. (Original publicado em 1998).

Goffman, E. (1999). *Manicômios, prisões e outras instituições*. Perspectiva. (Original publicado em 1999).

Gonzalez Rey, F. (1996). *Problemas epistemológicos en la psicología*. (Original publicado em 1996).

Gonzalez Rey, F. (1997). *Epistemología cultural y Educación*.

Neubern, M. (1999). *Fragmentos para uma compreensão complexa da terapia familiar: Diálogos epistemológicos sobre as emoções e a subjetividade no sistema terapêutico*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Brasília, D.F.

Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.

Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós moderna*. São Paulo: Graal White.

White, M. & Epston, D. (1993). *Medios narrativos para fin*
Paidós.